

FONÉTICA E FONOLOGIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.542122503062>

Data de aceite: 25/06/2025

Maria Vitória Alves da Silva

Mestranda em Letras, com ênfase em
Linguística Aplicada, na Universidade
Federal do Ceará

Izabel Christine Seara

2º período. Florianópolis: Florianópolis:
LLV/CCE/UFSC, 2011

Vanessa Gonzaga Nunes

2º período. Florianópolis: Florianópolis:
LLV/CCE/UFSC, 2011

Cristiane Lazzarotto-Volcão

2º período. Florianópolis: Florianópolis:
LLV/CCE/UFSC, 2011

O livro intitulado “Fonética e Fonologia do Português Brasileiro” foi publicado em 2011 pelas autoras Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes e Cristiane Lazzarotto-Volcão. Seara é Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando na Graduação em Letras – Português e no Programa de Pós-Graduação em Linguística na área: Teoria e Análise Linguística (Linha de Pesquisa: Fonética

e Fonologia das Línguas Naturais). Nunes também tem formação na UFSC, mas atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando na Graduação em Letras – Francês e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na área de Fonética. Já Lazzarotto-Volcão é professora associada do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ministra aulas nos Cursos de Graduação em Letras (presencial e na modalidade a distância) e integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

A obra possui 119 páginas e se divide - de maneira bem pedagógica e organizada - em duas partes (A - Fonética; B - Fonologia) e elas também são subdivididas. A primeira parte possui três capítulos: 1. A Fonética e a Fonologia: suas Funções e Interfaces, 2. Fonética Articulatória e, por fim, 3. Segmentos Fonéticos. A segunda unidade apresenta os seguintes capítulos: 4. Fonologia, 5.

Estrutura Silábica e Acento no Português Brasileiro e 6. Processos e Regras Fonológicas. No capítulo 1 “A Fonética e a Fonologia: suas Funções e Interfaces”, menciona-se que há tempos os estudos linguísticos vêm tentando estabelecer uma diferenciação entre as duas áreas mencionadas. Sobre isso, as autoras afirmam que as duas vertentes possuem o mesmo objeto de estudo: os sons da fala e investigam de que forma as pessoas geram e percebem tais sons.

Houve uma diferenciação bem apresentada sobre essas duas subáreas no livro em questão e ela será resumida a seguir. A Fonética estuda a fala com base na fisiologia - a partir dos órgãos que a articulam -, com base nos sons gerados por esses órgãos - propriedades acústicas - e por meio do processamento analítico que o ouvinte tem em relação ao que foi ouvido. Já a Fonologia foca no estudo da organização sistemática da fala de acordo com cada língua especificamente.

Para exemplificar, indica-se que a Fonética se preocupa com a descrição de como os segmentos vocálicos são produzidos e a Fonologia estuda, de maneira específica, a descrição vocálica do português no Brasil. São abordadas, também, outras formas de distinguir esses dois ramos de estudo e são mencionados os seguintes campos de pesquisa/trabalho que incentivam a busca pelo aprendizado da Fonética e da Fonologia por diferentes profissionais: Alfabetização, Ensino de Línguas, Fonoaudiologia, Fonética Forense, Tecnologias da Fala e Tradução.

No Capítulo 2 “Fonética Articulatória”, há uma definição dessa expressão e uma identificação didática e ilustrada dos órgãos responsáveis pela articulação da fala. As pesquisadoras apontam a área como sendo o estudo dos sons da fala e de seus traços relacionados à fisiologia e à articulação. Quanto ao aparelho fonador, aponta-se que ele se divide em duas regiões: subglotal e supraglotal. Essa marcação é feita pela glote - espaço entre pregas vocais. Abaixo dela, tem-se a traqueia, os dois pulmões e o diafragma. Acima dela, é possível encontrar as cavidades faríngea, oral e nasal. Nessa apresentação, foram elencados também os articuladores ativos: língua - ápice, lâmina e dorso - e lábio inferior e, como articulares passivos, pode-se citar o lábio superior, os dentes superiores, os alvéolos, o palato duro e o palato mole.

Há uma observação bem importante em relação ao Português Brasileiro e à grande parte das línguas: são produzidos com fluxo de ar egressivo, o que quer dizer que o ar se dirige para fora dos pulmões quando se fala. Ainda são apresentados conceitos muito relevantes como sons vozeados ou sonoros - há vibração das pregas vocais na pronúncia - e sons não vozeados ou surdos - ar passa sem restrições pela laringe. Outra classificação mencionada é a de sons orais - véu do palato levantado - e sons nasais - véu do palato abaixado, levando ar também para as narinas.

O Capítulo 3 “Segmentos Fonéticos” trata de um assunto extenso e bastante pertinente para os estudos fonéticos. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão começam marcando o posicionamento de que os sons de fala serão entendidos como fones e não fonemas, já que suas distinções ainda não serão levadas em conta. Primeiro, mencionam-se as vogais - não há impedimento para a passagem de ar pelo trato vocal. Depois, citam-se as consoantes - possuem certa obstrução na passagem de ar pelo trato vocal. Outra diferença entre elas é que as vogais são vozeadas, enquanto as consoantes podem ser vozeadas ou não-vozeadas.

Em se tratando de segmentos vocálicos e da altura da língua no PB, há quatro possibilidades: vogais altas, vogais médias-altas, vogais médias-baixas e vogais baixas. Conforme o avanço ou o recuo da língua, as vogais podem ser: anteriores, posteriores e centrais. As vogais, ademais, podem ser encaradas como arredondadas e não-arredondadas de acordo com a configuração de fechamento e abertura dos lábios. Sobre o processo de diferenciação entre as vogais de diferentes línguas, as autoras apresentam também pontos de articulação de vogais chamados de cardeais, subdivididos em: vogais cardeais primárias e vogais cardeais secundárias. Há, ainda, propriedades articulatórias secundárias, como duração, desvozeamento, nasalização e tensão - definidas conforme Cristófaró Silva (2002, p. 71). No PB, verifica-se a existência de dois ou três encontros vocálicos: ditongos e tritongos - conceitos conhecidos logo nos primeiros anos de escolarização. Existe, além do mais, o processo de monotongação - ditongo passa a ser produzido como uma só vogal - e os hiatos - encontro de duas vogais, sendo que cada uma delas representa o pico de uma sílaba.

Passa-se agora aos segmentos consonantais, que podem ser surdos ou não-vozeados, sonoros ou vozeados. Além disso, são diferenciados pelos modos de articulação e pelos pontos de articulação. No que se refere ao ponto de articulação, são classificados como bilabial, labiodental, dental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar, uvular e glotal (CRISTÓFARO SILVA, 2002, adaptado). Acerca do modo de articulação, pode-se ter consoantes: oclusivas/plosivas, nasais, fricativas, africadas, tepes, vibrantes, retroflexas, aproximantes e laterais. Para encerrar esta unidade e este capítulo, para além das propriedades articulatórias convencionais mencionadas, acrescentam-se algumas secundárias, caracterizadas por Cristófaró Silva (2002, p.35), são elas: labiodentalização, palatização, velarização e dentalização.

As autoras prosseguem para a Unidade B e, no Capítulo 4, o foco é a Fonologia e suas diferentes abordagens. Inicia-se esta parte relembrando o acordo implícito que existe entre os falantes de uma determinada língua e afirmando que a Fonologia trata justamente desse acordo que controla a variação de nossa fala. Alega-se, ainda, que a Fonologia desenvolveu-se apenas no século XX e que é uma disciplina cujo interesse é a função linguística dos sons. As pesquisadoras acrescentam a ideia de que a Fonologia é uma interpretação do que a Fonética apresenta, reduzida a uma só língua e aos moldes teóricos que caracterizam essa língua.

Na sequência, foi feita uma revisão histórica sobre os estudos linguísticos e seus representantes, como Saussure e as correntes estruturalistas com a dicotomia - língua e fala -, o grupo de cientistas do Círculo Linguístico de Praga - N. Trubezkoy, R. Jakobson, A. Martinet e E. Benveniste - que usaram o termo Fonologia a partir de um novo viés, trazendo à tona os sons da língua como elementos que constituem as palavras e que têm funções gramaticais bem evidentes.

Isso proporcionou a divisão da Fonologia e da Fonética e deu à Fonologia o *status* de uma disciplina da Linguística. Também são citados os estudiosos E. Sapir e L. Bloomfield e suas pesquisas feitas nos Estados Unidos com relação ao termo Fonêmica. A Fonologia Gerativa é igualmente referenciada com seu grande representante N. Chomsky e sua dicotomia: competência - conhecimento das regras de uma língua - e desempenho - uso real da língua.

Mais adiante, são abordados os conceitos de fonemas, alofones, sons foneticamente semelhantes, arquifonemas e neutralização, traços fonológicos e transcrição fonológica. Fonemas foram caracterizados como unidades mínimas que distinguem as palavras entre si. A seguir, expõe-se uma outra maneira de resumir fonemas como sendo “os sons que têm a função de formar morfemas e que, substituídos por outros ou eliminados, mudam o significado das palavras” (CAGLIARI, 2002, p. 24). Já os alofones são considerados como variantes fonológicas de um mesmo fonema. Em uma seção seguinte, os pares mínimos aparecem como duas sequências fônicas que se diferenciam apenas por um fonema, o que ocorre em “pato” e “bato”.

Abaixo, serão mencionados alguns casos entendidos como sons foneticamente semelhantes (CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p. 128) e, conseqüentemente, pares de sons suspeitos de constatarem o estado de um fonema:

- 1) Som vozeado e seu correspondente não-vozeado: gato e gato;
- 2) Sons oclusivos e sons fricativos e africanos com o mesmo ponto de articulação: tapo e sapo;
- 3) Sons fricativos com ponto de articulação bem próximo: faca e saca.

As autoras afirmam que, quando não se pode perceber os pares mínimos para os pares suspeitos, deve-se elencar pares de palavras com ambientes iguais, como exemplo, foram apontados: “oro” (orar) e “coro” (grupo de cantores). Essas expressões não são pares mínimos, mas são pares análogos. Prossegue-se com o fenômeno da Variação livre, que ocorre quando um ou mais fonemas perdem a diferenciação entre eles, o que representa também a ocorrência de neutralização fonêmica. Com o intuito de observar todos os episódios derivados da neutralização fonêmica, usa-se um símbolo chamado arquifonema.

Na parte dedicada aos traços fonológicos, apresentam-se, inicialmente, dois conceitos: posição neutra e vozeamento espontâneo. Depois, mencionam-se os traços

relativos às classes principais, que são: silábicas, consonantais e soantes. Como traços que dizem respeito ao corpo da língua: alto, baixo, recuado ou posterior. Explicam-se, ademais, traços relativos à cavidade - anterior e coronal -, à forma dos lábios - arredondado -, ao modo de articulação - contínuo, estridente, nasal, lateral e soltura retardada. Por fim, tem-se o traço atrelado à fonte de estímulo do trato vocal - vozeado. A última parte do capítulo 4 é reservada para a apresentação da transcrição fonológica segundo duas formas de notação: a primeira ocorre entre colchetes quadrados - baseada na produção do falante - e a segunda é marcada por barras inclinadas - considera os segmentos que distinguem os significados. Os segmentos entre colchetes são chamados de fones e aqueles que ficam entre barras são conhecidos como fonemas.

No início do Capítulo 5, intitulado “Estrutura Silábica e Acento no Português Brasileiro”, é mencionada a formação das sílabas do PB: vogais (V) e consoantes (C) ou semivogais (V’). As autoras reiteram que cada elemento citado possui uma posição na sílaba e que o elemento central é a vogal, pois ela atua como núcleo ou pico silábico. Há ainda duas posições: pré-vocálica (ataque ou onset vocálico) e pós-vocálica (coda silábica). Após isso, esses conceitos são definidos de forma mais aprofundada e, depois, um quadro é apresentado para classificar os tipos silábicos do PB em simples (apenas núcleo silábico), complexo (núcleo seguido ou precedido por consoantes), abertas ou livres (não apresentam coda silábica) e fechadas ou travadas (possuem coda silábica).

Por fim, o capítulo se encerra com o acento, cuja definição Câmara (1977) associa à de vocábulo, ou melhor, à relação entre sílabas tônicas e átonas. Segundo o autor, cada vocábulo possui uma pauta acentual, em que a sílaba depois do acento é mais fraca do que a sílaba anterior ao acento. Assim, ele sugere que sejam levados em consideração quatro graus de acento: grau 0 (sílabas átonas pós-tônicas), grau 1 (sílabas átonas pré-tônicas), grau 2 (sílabas tônicas de menor intensidade) e grau 3 (sílabas tônicas de maior intensidade).

O sexto e último capítulo “Processos e Regras Fonológicas” trata, em um primeiro momento, sobre como as mudanças fônicas da língua podem ser estudadas sincronicamente e diacronicamente. Isso traz à tona a necessidade de apresentar algumas dessas mudanças -processos fonológicos-, como assimilação (segmentos assumem traços distintivos de um segmento vizinho), estruturação silábica (há alteração na distribuição de consoantes e vogais, que podem ser acrescidas ou subtraídas), enfraquecimento e reforço (segmentos são alterados de acordo com sua posição na palavra) e neutralização (segmentos se fundem em um ambiente determinado). Ao conseguir perceber as condições que formam um processo fonológico, cria-se uma regra fonológica. Com relação à assimilação, por exemplo, foram mencionadas as regras: palatização e labialização.

A obra “Fonética e Fonologia do Português Brasileiro” foi publicada há mais de dez anos, mas continua muito atual e totalmente indicada para pesquisadores da área, professores da Educação Básica e do Ensino Superior, alunos de Letras e áreas afins, já que possui uma linguagem técnica, mas, ao mesmo tempo, didática e elucidativa. Todos

os conceitos são acompanhados de suas definições, exemplos e tabelas ilustrativas. As professoras que elaboraram o livro conseguiram condensar, em poucas páginas, um valioso arcabouço de conhecimento sobre Fonética e Fonologia que não apenas serve de embasamento para as pesquisas acadêmicas neste âmbito, mas também apoia o ensino de Língua Portuguesa em seu aspecto prático e cotidiano.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática com especial atenção para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. p. 55-83.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1977. p. 11-41

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português**: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 152-171.